

ESTUDO DA RELAÇÃO DOS USUÁRIOS COM O PARQUE DA PEDREIRA NO MUNICÍPIO DE IJUÍ-RS

Franciele Zientarski Engeroff

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ
<https://orcid.org/0009-0005-9007-2749>

Tarcísio Dorn de Oliveira

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ
<https://orcid.org/0000-0001-5842-2415>

RESUMO: Espaços de lazer como parques e praças se tornam fundamentais para a manutenção da vida, uma vez que colaboram para a qualidade de vida dos seus usuários e são locais que servem para o desenvolvimento de diversas atividades como recreação, descanso e/ou interação social além de contribuírem tanto para saúde física quanto mental dos cidadãos. Ao considerar o campo teórico e empírico, a pesquisa tem como objetivo destacar a importância desses espaços para a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável nas cidades, enfatizando a necessidade de sua presença no ambiente urbano. Os resultados indicam que lugares como parques urbanos possuem um valor simbólico significativo. No entanto, quando esses espaços são criados a partir de áreas que passaram por processos de requalificação urbana, eles se tornam ainda mais especiais. Ficou nítido que o Parque da Pedreira é um espaço que atrai uma diversidade de usuários, refletindo a pluralidade da comunidade que o frequenta. Pessoas de diferentes idades, classes sociais e origens utilizam o parque e, embora apresentem percepções variadas sobre o local, todas compartilham a visão de que ele desempenha um papel fundamental na vida da região. Nota-se que a maioria dos entrevistados associa o Parque a sentimentos de paz, bem-estar e convivência social, evidenciando seu papel como um ponto de encontro essencial para a cidade. No Parque da Pedreira os usuários experimentam um senso de pertencimento e desenvolvem uma conexão identitária com o espaço, posto que tais percepções positivas ressaltam a importância do Parque como um ambiente indispensável para o lazer, a interação social e a promoção da qualidade de vida, consolidando sua relevância no cotidiano dos moradores de Ijuí.

Palavras-chave: Planejamento urbano; Requalificação; Pertencimento; Espaço de lazer.

A STUDY OF THE RELATIONSHIP BETWEEN USERS AND THE PEDREIRA PARK IN THE MUNICIPALITY OF IJUÍ, RS

ABSTRACT: Leisure spaces such as parks and squares are fundamental to the maintenance of life, as they contribute to the quality of life of their users and serve as places for the development of various activities, including recreation, rest, and/or social interaction, in addition to promoting both the physical and mental health of citizens. Considering both the theoretical and empirical fields, this research aims to highlight the importance of such spaces for improving quality of life and fostering sustainable urban development, emphasizing the need for their presence within the urban environment. The results indicate that places such as urban parks possess significant symbolic value. Moreover, when these spaces are created from areas that have undergone urban revitalization processes, they become even more meaningful. It is evident that Pedreira Park attracts a diverse range of users, reflecting the plurality of the community that frequents it. People of different ages, social classes, and backgrounds use the park and, although they hold varied perceptions of the place, they all share the view that it plays a fundamental role in the life of the region. It is noteworthy that most respondents associate the Park with feelings of peace, well-being, and social interaction, highlighting its role as an essential meeting point for the city. At Pedreira Park, users experience a sense of belonging and develop an identity-based connection with the space, as these positive perceptions underscore the Park's importance as an indispensable environment for leisure, social interaction, and the promotion of quality of life, consolidating its relevance in the daily lives of Ijuí's residents.

Keywords: Urban planning; Revitalization; Belonging; Leisure space.

1. INTRODUÇÃO

As cidades se desenvolvem continuamente em resposta às necessidades econômicas, culturais e sociais de cada lugar, transformando suas paisagens urbanas e evidenciando uma dicotomia cada vez mais marcante entre, de um lado, espaços construídos de caráter funcional e denso, marcados pela "frieza" de materiais como concreto e alvenaria, e, de outro, os espaços verdes, destinados ao lazer e reconhecidos como essenciais para a promoção da qualidade de vida. Silva *et al* (2012), salientam que, diante dessa relação conflituosa na paisagem urbana, é necessário repensar os espaços como mediadores das relações sociais, promovendo vivências de lazer e oferecendo uma perspectiva crítica sobre o cotidiano urbano. Logo, torna-se notável que existe um grande conflito entre a expansão urbana e a preservação do meio ambiente, que muitas vezes acarreta na redução de espaços verdes, estes que são substanciais para o bem-estar dos cidadãos.

Quando se fala em locais como praças e parques é comum que o primeiro pensamento das pessoas seja apenas associado a locais de lazer e recreação, entretanto autores como Silva (2005) e Silva *et al* (2012), destacam a importância dos espaços de lazer integrados ao ambiente urbano, proporcionando experiências enriquecedoras em diversas dimensões, sejam elas sociais, individuais ou coletivas, onde os espaços contribuem para a qualidade de vida, ampliando e democratizando áreas que favorecem o convívio social, e, assim, revitalizam a vida na cidade. Nesta perspectiva ainda Silva *et al* (2012), complementa que os espaços de lazer podem configurar uma marca identitária das cidades e a ausência desses lugares faz com que exista uma falta de relação, comprometimento e pertencimento nos espaços de lazer. Sendo assim os parques colaboram para todas as questões apresentadas e contribuem de forma positiva para que o povo e a sociedade em geral criem identidade e pertencimento em determinado espaço. Nota-se que:

Desde os primórdios da civilização, o ser humano tem se empenhado em transformar e aperfeiçoar o espaço que habita, [...] para atender às suas necessidades e projetar sua inteligência sobre o ambiente. Esse processo evolutivo, ao longo do tempo, consolidou-se como expressão da capacidade técnica e simbólica de produzir abrigo, conforto e identidade. [...], as dinâmicas socioespaciais sofreram profundas alterações, marcadas pela concentração populacional nos centros urbanos e pela ampliação das desigualdades socioeconômicas. [...], é indispensável o planejamento e a execução de ambientes acolhedores, seguros e saudáveis, capazes de promover o bem-estar e a satisfação dos moradores. A relação entre o espaço construído e os impactos que este exerce sobre a vida cotidiana tornou-se central nas discussões contemporâneas (SILVA NETA; OLIVEIRA, 2025, p. 126).

A relação entre o ser humano e o espaço sempre esteve vinculada às necessidades de adaptação, sobrevivência e expressão simbólica, fazendo do ambiente construído um produto histórico da capacidade técnica, social e cultural das sociedades. Ao longo do tempo, as transformações socioespaciais intensificadas pela urbanização e pela concentração populacional nos centros urbanos aprofundaram desigualdades e redefiniram as formas de interação social, tornando central o debate sobre a qualidade dos espaços produzidos. Essa perspectiva dialoga com Castells (1999), ao reconhecer que lugares e espaços participam diretamente da construção da identidade individual e coletiva, pois incorporam valores, práticas e significados sociais, econômicos e culturais. Assim, a identidade e o pertencimento não se constituem apenas no plano subjetivo, mas emergem da vivência cotidiana e das relações

estabelecidas com o ambiente, moldadas por eventos históricos que influenciam modos de uso, apropriação e convivência.

Nesse contexto dinâmico, as cidades passam por transformações contínuas, intensificadas pela aceleração dos processos de urbanização, e os espaços de lazer, como praças e parques, acompanham essas mudanças ao se reconfigurarem conforme as necessidades da população usuária e as características do entorno urbano em que estão inseridos. Conforme destacam Macedo e Robba (2003), o adensamento das cidades a partir da segunda metade do século XX resultou na redução dos espaços livres na malha urbana, atribuindo maior valor àqueles que permaneceram. Dessa forma, o espaço livre público assume um papel estratégico como alternativa de lazer, convivência e contemplação, uma vez que parques e praças passam a concentrar múltiplas funções sociais, refletindo a evolução urbana e as demandas coletivas, além de se consolidarem como lugares de memória, afeto e fortalecimento do senso de pertencimento. Ademais,

Todas as pessoas têm o direito de usufruir de espaços urbanos que forneçam qualidade de vida, bem-estar e interação social, de forma justa e igualitária, independente de idade, gênero, raça, cor, etnia, religião, orientação sexual, condição física ou intelectual. É dever de todos enquanto comunidade, dos líderes políticos, dos gestores públicos e dos urbanistas, conscientizarem-se e, da forma que cabe a cada um, possibilitando mecanismos integradores e geradores de isonomia social (DA PIEVE; OLIVEIRA; MUELLER, 2025, p. 341).

Os espaços livres sempre ocuparam posição central na conformação do tecido urbano, não apenas pela contribuição estética à paisagem, mas, sobretudo, pelo seu papel simbólico, social e cultural nas cidades, uma vez que praças e parques refletem a diversidade e os modos de vida das comunidades nas quais se inserem, consolidando-se como referências de identidade coletiva e de memória urbana. As praças, em especial, configuram-se como espaços de encontro, permanência e expressão social, enquanto os parques assumem função urbanística estruturante ao possibilitarem práticas de lazer passivo e ativo, atividades culturais e o contato com a natureza, favorecendo a convivência cotidiana e a troca de experiências entre diferentes grupos sociais, o que reforça os vínculos comunitários. Desde as primeiras formações urbanas, praças e parques revelam-se fundamentais para o desenvolvimento e a manutenção da vida humana, ao promoverem sociabilidade, bem-estar e apropriação coletiva do espaço urbano como lugar vivido.

Entretanto, o desenvolvimento urbano que moldou os espaços contemporâneos nem sempre ocorreu de forma planejada ou orientada por princípios de equidade social. Conforme

apontam Meotti e Schwanz (2018), cidades mais antigas frequentemente enfrentam problemas decorrentes da ausência de planejamento urbano, resultando na fragmentação do território e na segregação socioespacial. Nesse cenário, enquanto parcelas mais favorecidas da população dispõem de acesso a clubes e equipamentos privados de lazer, grupos socialmente vulneráveis dependem quase exclusivamente dos espaços públicos, o que evidencia a necessidade de que praças e parques não apenas existam, mas sejam concebidos e planejados como instrumentos de inclusão social. Para isso, esses espaços devem ser projetados de modo a garantir acessibilidade, segurança e relevância cultural, atendendo às necessidades de diferentes faixas etárias e grupos sociais e, assim, priorizar a equidade urbana ao assegurar ambientes dignos, acolhedores e capazes de promover a integração social.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano, compreendido como um processo multidimensional que articula o bem-estar físico, psicológico e social, relaciona-se diretamente com a qualidade dos espaços urbanos disponibilizados à população, sendo os espaços públicos de lazer estratégicos para a organização da vida urbana por favorecerem a convivência, o uso qualificado do tempo livre e a melhoria da qualidade de vida. Oliveira (2006) destaca que praças, parques e outros espaços públicos de lazer constituem, desde o surgimento das aglomerações urbanas, importantes pontos de referência comunitária, acompanhando transformações históricas, sociais e culturais das cidades. Tais mudanças incidem sobre a configuração física desses espaços, suas funções e sua relação com o entorno urbano, e, nesse contexto, o sentimento de pertencimento fortalece-se à medida que os usuários estabelecem vínculos simbólicos e afetivos com esses ambientes, reconhecendo-os como extensões da vida coletiva e como elementos constitutivos de sua identidade cotidiana. Portanto,

[...] o lugar está relacionado intimamente com a produção de significado, em contraponto ao conceito de espaço, que sob sua ótica torna-se abstrato: Tendo em vista que a oposição entre espaço e lugar só se concretiza quando percebemos que o primeiro é uma abstração, em confronto com a capacidade que o segundo tem para produzir significados, ações e comportamentos, e considerando, de um lado as distinções entre comunicação e informação e, de outro a diferenciação entre signos icônicos, indiciais e simbólicos para a concretização de significados (FERRARA, 2002, p. 22)

Considerando o senso de identidade e pertencimento, os espaços de lazer adquirem relevância ampliada no contexto urbano, pois, por meio da apropriação cotidiana, deixam de ser

meros suportes físicos e passam a constituir-se como lugares carregados de significado. A relação contínua estabelecida entre as pessoas e praças, parques e demais áreas públicas de lazer contribui para a construção de identidades individuais e coletivas, ancoradas na memória, na experiência compartilhada e no uso recorrente desses ambientes, pois, em oposição à lógica funcional e abstrata dos espaços urbanos predominantemente voltados ao trabalho e à circulação, os espaços de lazer favorecem o reconhecimento mútuo, a convivência e a identificação social. Dessa interação dinâmica entre sujeitos e lugares emerge o sentimento de pertencimento, capaz de fortalecer vínculos socioespaciais, promover coesão social e evidenciar o papel desses ambientes na humanização da cidade e na qualificação da vida urbana contemporânea.

Nesse sentido, pode-se refletir que a sociedade não se constitui apenas a partir de espaços edificados, como casas e prédios, mas necessita, de forma igualmente essencial, de espaços de lazer que promovam descanso, convivência e bem-estar no cotidiano urbano. Esses ambientes funcionam como contraponto ao ritmo acelerado, ao estresse e à complexidade própria dos centros urbanos, contribuindo para a construção de cidades mais humanas e inclusivas. Praças, espaços livres e parques mantêm-se como referências fundamentais da vida urbana, demonstrando que uma cidade saudável extrapola a simples soma de edificações. São os espaços públicos, ruas, calçadas, praças e parques, que conferem vitalidade ao tecido urbano ao possibilitar encontros, permanência e apropriação social. Quando planejados de maneira adequada, os espaços públicos de lazer refletem o senso coletivo, fortalecem vínculos sociais e orientam processos de urbanização mais equilibrados e sensíveis às necessidades humanas. Assim, o espaço social,

[...] não é uma coisa entre outras coisas, nem um produto entre outros produtos: em vez disso, subsume coisas produzidas, e abrange suas inter-relações em sua coexistência e simultaneidade - a sua ordem (relativa) e/ou (relativa) desordem. É o resultado de uma sequência e um conjunto de operações, e, portanto, não pode ser reduzido à instância de um mero objeto. Ao mesmo tempo, não há nada imaginado, irreal ou "ideal" sobre ele, em comparação, por exemplo, com a ciência, representações, ideias ou sonhos. Sendo em si o resultado de ações passadas, o espaço social é o que permite que novas ações ocorram, enquanto as sugere ou as proíbe [...] O espaço social implica uma grande diversidade de conhecimento (LEFEBVRE, 1991, p. 73).

O espaço social não pode ser compreendido como um objeto isolado, neutro ou meramente físico, mas como um produto histórico e relacional, constituído a partir das práticas, ações e interações sociais que nele se desenvolvem, uma vez que ele "subsume coisas

produzidas” e abrange suas inter-relações ao organizar, de forma relativa e por vezes contraditória, a coexistência de sujeitos, atividades e significados. Nesse sentido, o espaço social é simultaneamente resultado de ações passadas e condição para novas práticas, ao orientar, estimular ou restringir comportamentos, permitindo reconhecer que o senso de identidade e pertencimento emerge da relação cotidiana entre as pessoas e os lugares por elas vividos e apropriados. Áreas verdes e espaços públicos de lazer, quando usados de modo recorrente, tornam-se extensões da vida coletiva, favorecendo vínculos socioespaciais e qualificando o espaço urbano como lugar de convivência e produção de sentidos compartilhados.

Articulando essa perspectiva, compreende-se que a identidade do lugar está diretamente relacionada ao grau de envolvimento e à autenticidade da experiência espacial, construída tanto pela forma como o lugar é percebido quanto pela maneira como é vivido no cotidiano. Tal entendimento dialoga com Santos (1998), ao indicar que cada tipo de fixo, enquanto objeto geográfico, apresenta características técnicas e organizacionais próprias, às quais correspondem determinadas tipologias de fluxos. Nessa relação indissociável, os objetos ultrapassam sua materialidade, assumindo também uma dimensão social, marcada por usos, significados e práticas. Assim, a identidade do lugar e o sentimento de pertencimento fortalecem-se por meio do reconhecimento, da continuidade e da atribuição de sentido no uso cotidiano dos espaços, resultantes da interação entre fixos e fluxos, configurando o lugar como produto do entrelaçamento entre objetos e ações e sustentando a dimensão identitária do espaço urbano, de forma que,

Estes lugares têm pelo menos três caracteres comuns. Querem-se (queremos) identitários, relacionais e históricos. O plano da casa, as regras da residência, os quarteirões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte do território, correspondem para cada um a um conjunto de possibilidades, de prescrições e de interditos cujo conteúdo é ao mesmo tempo espacial e social (AUGÉ, 2005, p. 47).

Os lugares constituem-se a partir de três dimensões indissociáveis, identitária, relacional e histórica, que orientam a experiência cotidiana dos sujeitos no espaço e conferem sentido à vida social. Elementos como a casa, o bairro, as praças públicas e o recorte do território carregam possibilidades, prescrições e interditos que estruturam práticas, comportamentos e relações, evidenciando que o lugar não é neutro, mas socialmente produzido. Esses componentes organizam a coexistência e a interação, articulando de forma dinâmica dimensões

espaciais e sociais, de modo que a identidade socioespacial e o sentimento de pertencimento emergem da vivência reiterada e da experiência compartilhada, nas quais memória, convivência e história coletiva se materializam. Assim, os lugares funcionam como suportes simbólicos da vida social, permitindo reconhecimento, vínculo e atribuição de sentidos, consolidando relações de pertencimento e identidades ancoradas na produção social do espaço.

Articulando-se a essa compreensão, a identidade e o sentimento de pertencimento podem ser entendidos como produtos históricos e sociais, diretamente vinculados aos processos de produção do espaço. Para Lefebvre (1991), o espaço não é um dado neutro ou meramente físico, mas um produto social resultante da articulação entre práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação. Tal abordagem evidencia que a identidade socioespacial ultrapassa a esfera subjetiva, sendo construída coletivamente por meio das relações sociais, dos usos cotidianos e das formas de apropriação do espaço vivido, de modo que o pertencimento emerge da experiência concreta no território, mediada por normas, valores, memórias e relações de poder que estruturam a vida urbana. Ao integrar dimensões simbólicas, funcionais e sociais, o espaço torna-se suporte da identidade coletiva, permitindo reconhecimento mútuo e consolidando o espaço vivido como elemento central das identidades socioespaciais.

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a relação dos usuários que utilizam o espaço do Parque da Pedreira, localizado na cidade de Ijuí no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, com a questão da identidade e o sentimento de pertencimento. O estudo tem como objetivo reconhecer o valor do Parque e a necessidade da manutenção e criação de espaços de lazer, como elementos essenciais na formação da identidade individual e coletiva dos cidadãos. Para isso, são levantadas observações pertinentes sobre a temática dos espaços de lazer vistos como aliados para a interação social, criação de memória coletiva, representatividade e apropriação do espaço urbano pela comunidade. Dessa forma, o estudo pretende evidenciar como esses espaços contribuem para a qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável das cidades, reforçando a necessidade dos mesmos no meio urbano.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, adequada à investigação de fenômenos ainda pouco conhecidos ou insuficientemente sistematizados. Conforme Gil (2008), a pesquisa exploratória visa

proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e favorecendo a formulação de hipóteses. Nesse sentido, a abordagem qualitativa mostra-se pertinente por privilegiar a compreensão aprofundada das dimensões subjetivas, simbólicas e relacionais, valorizando a interpretação dos dados e o contexto em que se manifestam, especialmente ao reconhecer o valor do Parque e a necessidade de manutenção e criação de espaços de lazer como elementos essenciais para a formação da identidade individual e coletiva dos cidadãos. No campo teórico, a investigação recorreu à revisão bibliográfica e à pesquisa documental como estratégias centrais para a fundamentação conceitual do estudo, permitindo o diálogo crítico com produções científicas e documentos institucionais relacionados à temática.

No âmbito empírico, foram utilizados o estudo de caso e o levantamento de campo, possibilitando analisar o objeto investigado de forma contextualizada e articulada à realidade observada. No desenvolvimento da pesquisa empírica, o escopo amostral foi composto por 70 participantes, definidos a partir da aplicação da metodologia de amostragem em Bola de Neve, técnica não probabilística amplamente utilizada em pesquisas qualitativas. Segundo Vinuto (2014), esse método consiste em iniciar a investigação com um grupo inicial de participantes que atende aos critérios do estudo, os quais passam a indicar novos sujeitos, permitindo a ampliação progressiva da amostra. Tal estratégia mostrou-se adequada ao objetivo de compreender percepções, experiências e relações construídas no espaço analisado. O processo de seleção dos participantes foi articulado ao critério de saturação, entendido como o momento em que as informações coletadas passam a se repetir, sem acrescentar novos elementos analíticos relevantes. Assim, a saturação orientou o encerramento da coleta de dados, assegurando equilíbrio entre profundidade interpretativa e consistência empírica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade de Ijuí configura-se como um importante polo regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, com uma população estimada em cerca de 87.775 habitantes segundo o IBGE (2025), o que a torna uma das cidades mais populosas da Região Noroeste/Missões do estado. Apesar de seu papel regional, o município apresenta limitações quanto à oferta de espaços públicos de lazer. Segundo Meotti e Schwanz (2018), os equipamentos disponíveis concentram-se, majoritariamente, na Praça da República, com cerca de um hectare, na Praça dos Imigrantes e em pequenas praças de bairro dotadas de playgrounds, bancos, academias ao ar livre e mobiliário urbano básico. Nesse contexto, observa-se uma carência histórica de áreas

livres qualificadas capazes de atender à diversidade de demandas da população urbana. A insuficiência desses espaços impacta diretamente as possibilidades de convivência, lazer e bem-estar, evidenciando a relevância de iniciativas voltadas à ampliação e qualificação dos ambientes públicos na cidade.

É nesse cenário que o Parque da Pedreira se insere como um importante acréscimo ao sistema de lazer urbano de Ijuí. As obras de implantação do parque tiveram início em 2012 e foram concluídas no final de 2021, consolidando um novo espaço público destinado ao lazer, à convivência e ao contato com a natureza. De acordo com Meotti e Schwanz (2018), antes de sua efetiva consolidação, o principal local utilizado informalmente para atividades recreativas pela população era o campus da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), especialmente nos finais de semana. Com o passar do tempo e a gradual apropriação do Parque da Pedreira, observa-se uma mudança no padrão de uso, marcada pela diversificação dos espaços de lazer frequentados pelos cidadãos, evidenciando a capacidade do parque de atrair diferentes públicos e ampliar as alternativas de fruição do espaço urbano.

O Parque da Pedreira é resultado de um processo de requalificação urbana que transformou uma área anteriormente degradada em espaço de uso coletivo, pois, antes da intervenção, o local abrigava duas antigas pedreiras separadas por uma via asfaltada e era marcado por intensos processos de degradação ambiental e social. Persich e Allebrandt (2016) descrevem a área como um depósito clandestino de lixo e entulhos de obras, funcionando como um grande lixão a céu aberto. Essa condição gerava diversos impactos negativos ao entorno, contribuindo para a marginalização do espaço e para a construção de uma imagem associada ao abandono e à insegurança, de modo que o local, popularmente conhecido como “beco da pedreira”, era associado a assaltos, tráfico de drogas e outras formas de violência, despertando sentimentos de medo e afastamento na população.

Além da degradação ambiental, o entorno da área era marcado por ocupações precárias, onde famílias viviam sem infraestrutura básica, resultado de processos de ocupação urbana desordenada. Conforme relatam Meotti e Schwanz (2018), diante das reivindicações da comunidade, o poder público municipal optou por transformar o local em um parque urbano, promovendo o remanejamento das famílias que se encontravam em áreas de risco. A partir de 2012, iniciou-se um processo gradual de transformação que redefiniu o papel do espaço na cidade. A requalificação contribuiu para a recuperação ambiental, a valorização da área urbana e a ressignificação simbólica do lugar, substituindo experiências negativas por sensações de tranquilidade, segurança e acolhimento, ao passo que o novo Parque passou a estimular

interações sociais, fortalecer vínculos comunitários e promover melhorias na qualidade de vida e no bem-estar dos usuários, conforme Figura 01.



Figura 01- Parque da Pedreira (Ala Norte e Ala Sul) – Ijuí/RS
Fonte: Autores (2024)

O projeto consolidado do Parque da Pedreira organiza-se em dois setores distintos, separados pela Avenida 21 de Abril (Ala Sul e Ala Norte), ambas oferecendo infraestrutura de lazer voltada a diferentes faixas etárias e tipos de uso. A ala Sul do Parque caracteriza-se pela presença de um banhado e pela oferta de equipamentos como academia ao ar livre, quadras de areia e poliesportiva, playground e vestiários com sanitários. Já a ala Norte do Parque apresenta um amplo gramado voltado para um lago, com deck, áreas de contemplação, playground e sanitários, configurando-se como um espaço voltado à tranquilidade e à conexão

com a natureza. Os ambientes de contemplação favorecem práticas como leitura, meditação e descanso, destacando-se pela qualidade paisagística e pelo potencial de promover experiências sensíveis e significativas no espaço urbano.

A percepção das pessoas sobre um mesmo lugar pode ser das mais diversas e distintas, pois cada pessoa possui um sentimento único e pessoas diferentes apresentam comportamentos e compreensões diferentes. Santos (1988), ressalta que a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão, em que cada pessoa enxerga a realidade de forma diferenciada; a visão do homem sobre as coisas materiais é sempre subjetiva e o autor ainda argumenta que a paisagem não deve ser vista apenas como mero aspecto visual, mas sim buscando compreender seu significado mais profundo, já que a percepção depende de sua interpretação, e esta será mais válida quanto mais evitarmos o risco de confundir a aparência com a verdade.

As perguntas contidas em um questionário aplicado no local, foram estruturadas com base em curiosidades sobre a conexão e o vínculo das pessoas com o espaço de lazer. A intenção da aplicação *in loco* tem como objetivo captar a interação real dos usuários com o ambiente. Carlos (2007), nesta perspectiva contribui que o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas de apropriação para a vida. Logo, a partir das respostas buscou-se analisar como os usuários percebem o parque em termos de identidade, pertencimento e valor social. As pessoas que responderam o questionário, são indivíduos que em algum momento da sua vida já estiveram no local ou ouviram falar do mesmo.

Os entrevistados foram pessoas das mais variadas idades, em conformidade com o gráfico apresentado na Figura 02, e foram totalizadas 70 pessoas que aceitaram interagir com a pesquisa. A partir das respostas a faixa etária que predominou no local que respondeu às perguntas foi entre 18 a 30 anos com quase 66%, seguidos da população entre 31 a 50 anos com aproximadamente 21%, e depois respectivamente 8,6% acima de 51 anos e o restante menores de idade. De acordo com essas informações apresentadas é possível analisar o gráfico e gerar reflexões.

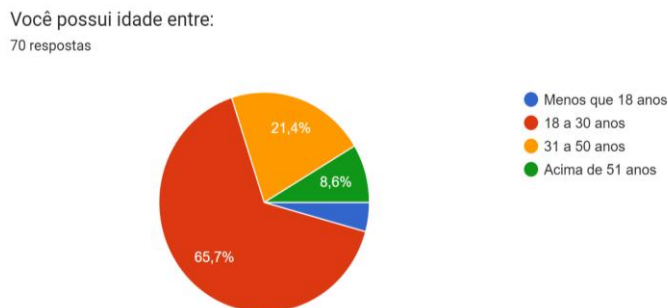


Figura 02 – Distribuição etária dos usuários do Parque da Pedreira
Fonte: Autores (2024)

O gráfico demonstra a predominância de usuários jovens adultos entre os frequentadores do Parque da Pedreira. Observa-se que a faixa etária de 18 a 30 anos concentra a maioria absoluta das respostas, representando 65,7% dos participantes, o que indica que o parque é amplamente apropriado por esse grupo etário. Em seguida, a faixa de 31 a 50 anos corresponde a 21,4%, evidenciando também uma participação significativa de adultos em idade produtiva. Os usuários com mais de 51 anos representam 8,6% da amostra, enquanto os menores de 18 anos aparecem de forma residual, com percentual reduzido. Esses dados indicam que o parque atende principalmente às demandas de lazer, convivência e práticas recreativas de jovens e adultos, enquanto a menor presença de crianças e idosos sugere possíveis limitações quanto à oferta de equipamentos específicos, acessibilidade ou programação voltada a esses públicos, evidenciando padrões de uso que podem subsidiar reflexões sobre o planejamento inclusivo dos espaços de lazer.

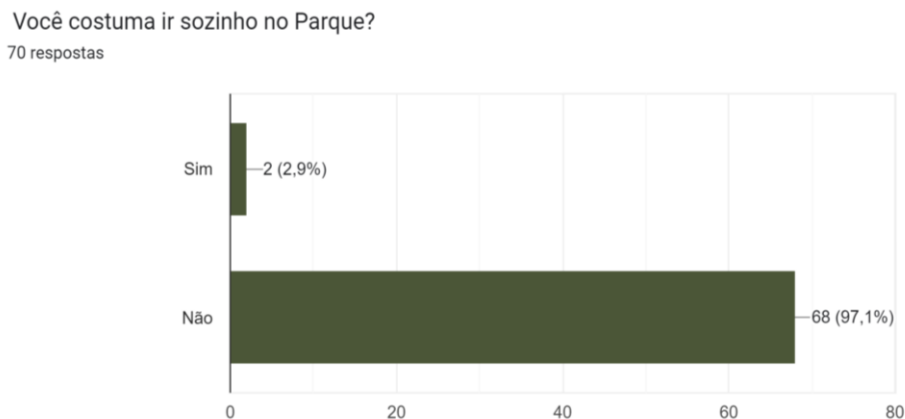


Figura 03 – Frequência de visitas individuais ao Parque pelos usuários
Fonte: Autores (2024)

O gráfico anunciado na Figura 03 evidencia que a grande maioria dos respondentes não costuma frequentar o Parque sozinha. Dos 70 participantes, 68 (97,1%) afirmaram que não realizam visitas individuais, enquanto apenas 2 pessoas (2,9%) indicaram que costumam ir sozinhas ao local. Esse resultado revela que o Parque da Pedreira é predominantemente apropriado como um espaço de convivência coletiva, sendo mais frequentemente utilizado na companhia de familiares, amigos ou outras pessoas. Tal padrão reforça o papel do parque como ambiente de socialização, encontro e compartilhamento de experiências, mais do que como um espaço de uso solitário. Além disso, a baixa frequência de visitas individuais pode estar relacionada a fatores como a busca por interação social, a sensação de segurança, hábitos culturais ou o próprio desenho do espaço, que privilegia atividades coletivas, evidenciando a compreensão dos espaços públicos de lazer como territórios de construção de vínculos sociais e de fortalecimento do sentimento de pertencimento.

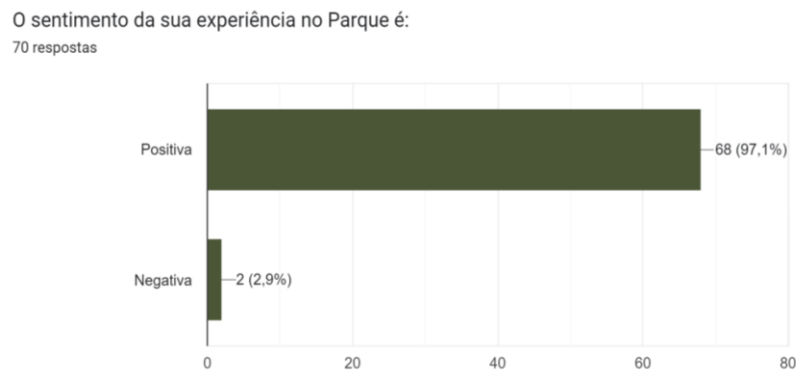


Figura 04 – Avaliação do sentimento dos usuários em relação à experiência no Parque da Pedreira
Fonte: Autores (2024)

O gráfico declarado na Figura 04 evidencia uma percepção amplamente positiva dos usuários quanto à experiência vivenciada no Parque da Pedreira. Observa-se que 97,1% dos respondentes (68 participantes) classificaram sua experiência como positiva, indicando elevado grau de satisfação com o espaço e com as atividades nele realizadas. Em contraste, apenas 2,9% (2 participantes) relataram uma experiência negativa, percentual pouco expressivo diante do conjunto da amostra. Esses resultados sugerem que o parque tem cumprido de forma eficaz seu papel como espaço público de lazer, convivência e bem-estar, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida urbana. A expressiva predominância de avaliações positivas pode ser atribuída à adequação do ambiente às necessidades dos usuários, à sensação de segurança, ao conforto oferecido e à possibilidade de interação social e contato com a natureza,

reforçando, assim, a relevância do parque como espaço qualificado e socialmente valorizado pela comunidade.



Figura 05 – Presença de memórias afetivas associadas ao Parque da Pedreira
Fonte: Autores (2024)

O gráfico revelado na Figura 05 demonstra que a maioria dos participantes estabelece algum tipo de vínculo afetivo com o Parque da Pedreira, uma vez que 55,7% dos respondentes (39 pessoas) afirmaram possuir memórias especiais relacionadas ao espaço. Esse resultado indica que o parque ultrapassa sua função estritamente física ou recreativa, configurando-se como um lugar carregado de significados simbólicos e emocionais para parte expressiva da população. Por outro lado, 44,3% dos entrevistados (31 pessoas) declararam não possuir memórias especiais ligadas ao parque, o que pode estar associado a usos mais recentes, esporádicos ou funcionais do espaço. Ainda assim, a predominância das respostas positivas evidencia o potencial do parque como elemento formador de memória coletiva, favorecendo a construção de experiências marcantes, encontros sociais e vivências cotidianas. Esses dados reforçam a importância dos espaços públicos de lazer na consolidação do sentimento de pertencimento, na produção de identidade socioespacial e na valorização do ambiente urbano como suporte das experiências vividas pela comunidade.

Você sente que o parque é um espaço acolhedor e inclusivo?

70 respostas

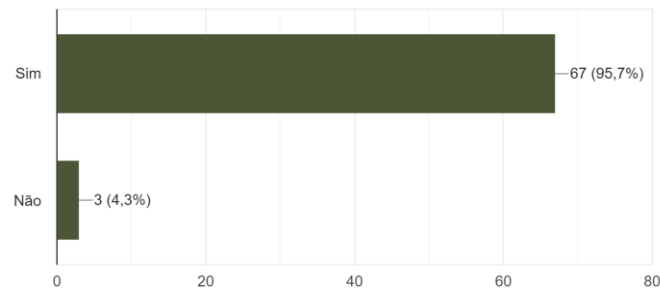


Figura 06 – Percepção de acolhimento e inclusão do Parque da Pedreira pelos usuários
Fonte: Autores (2024)

O gráfico apresentado na Figura 06 evidencia uma percepção amplamente positiva dos participantes em relação ao caráter acolhedor e inclusivo do Parque da Pedreira. Do total de 70 respondentes, 67 pessoas (95,7%) afirmaram considerar o parque um espaço acolhedor e inclusivo, enquanto apenas 3 participantes (4,3%) manifestaram opinião contrária. Esse resultado revela um elevado grau de aceitação social do parque, indicando que suas características físicas, simbólicas e funcionais favorecem o uso por diferentes perfis de usuários. A predominância das respostas afirmativas indica que o espaço público é percebido como democrático, acessível e capaz de promover convivência, bem-estar e integração social, reforçando, sob a perspectiva do planejamento urbano e da produção do espaço, o papel do parque como lugar de sociabilidade e pertencimento, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva e para a qualificação da vida urbana.

O parque contribui para o seu bem-estar pessoal?

70 respostas

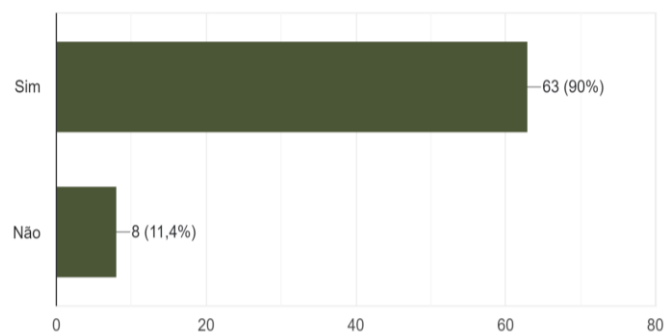


Figura 07- Percepção dos usuários sobre a contribuição do Parque da Pedreira para o bem-estar pessoal
Fonte: Autores (2024)

Os dados apresentados no gráfico da Figura 07 indicam que o Parque da Pedreira exerce influência significativa no bem-estar pessoal da maioria dos usuários entrevistados. Entre as 70 respostas obtidas, 63 participantes (90%) afirmaram que o parque contribui positivamente para seu bem-estar, enquanto 8 respondentes (11,4%) declararam não perceber essa contribuição. A predominância das respostas afirmativas evidencia o papel do espaço como ambiente favorável à promoção da saúde física, mental e emocional, associada ao contato com a natureza, à prática de atividades de lazer e à convivência social. Sob a ótica do planejamento urbano e da qualidade de vida, esses resultados reforçam a relevância dos parques públicos como infraestruturas urbanas essenciais, capazes de impactar positivamente a experiência cotidiana dos cidadãos e de contribuir para uma cidade mais saudável, inclusiva e humanizada.

Você visita o parque da pedreira com qual frequência?

70 respostas

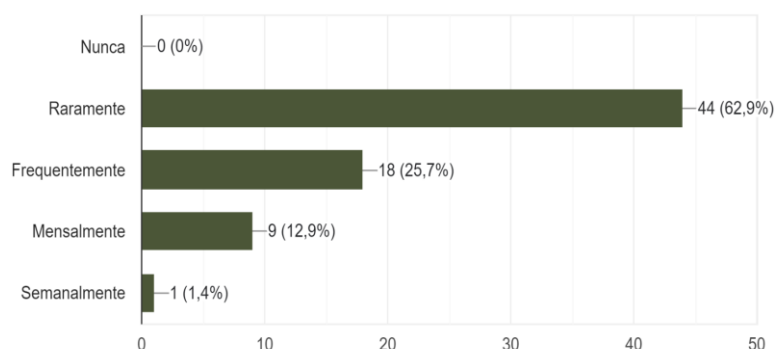


Gráfico 08 – Frequência de visita dos usuários ao Parque da Pedreira
Fonte: Autores (2024)

O gráfico posto na Figura 08 evidencia os padrões de uso do Parque da Pedreira pelos participantes da pesquisa, revelando que a maior parcela dos respondentes frequenta o espaço de forma esporádica. Dos 70 participantes, 44 (62,9%) afirmaram visitar o parque raramente, indicando que, embora o local seja reconhecido como relevante, seu uso cotidiano ainda é limitado para a maioria. Em contrapartida, 18 respondentes (25,7%) declararam frequentar o parque com maior regularidade, o que sugere a existência de um grupo de usuários que mantém vínculo mais constante com o espaço. As visitas mensais foram apontadas por 9 participantes (12,9%), enquanto apenas 1 respondente (1,4%) relatou frequência semanal, e nenhum declarou nunca visitar o parque. Esses resultados indicam potencial de ampliação da

utilização do parque, sinalizando a importância de estratégias de qualificação, programação e acessibilidade que estimulem maior recorrência e integração do espaço à rotina urbana.



Figura 09 – Nuvem de palavras associadas à percepção dos usuários sobre o Parque da Pedreira
Fonte: Autores (2024)

Destarte, a partir das entrevistas realizadas, foi possível concluir que a percepção dos usuários sobre o Parque da Pedreira é majoritariamente positiva, conforme evidenciado pela nuvem de palavras apresentada na Figura 09. As palavras mais recorrentes, ainda que representadas apenas uma vez no gráfico, remetem a ideias como “lazer”, “paz”, “tranquilidade”, “bem-estar”, “calmaria” e “natureza”, indicando que o parque é compreendido como um espaço capaz de promover experiências sensoriais e emocionais favoráveis. Termos como “acolhedor”, “lugar calmo”, “lugar relaxante” e “espaço de lazer” reforçam a noção de que o ambiente é percebido como um refúgio no contexto urbano, contribuindo para a redução do estresse cotidiano e para a melhoria da qualidade de vida dos frequentadores, em consonância com abordagens teóricas sobre paisagem, conforto ambiental e saúde urbana.

Além disso, a presença de expressões relacionadas à convivência social, como “interação”, “família”, “espaço para a família” e “cultura”, revela que o parque também assume um papel relevante na construção de vínculos sociais e no fortalecimento do senso de pertencimento dos usuários em relação ao lugar. Essa dimensão simbólica e afetiva indica que o Parque da Pedreira extrapola sua função física e recreativa, consolidando-se como um espaço significativo na vivência urbana de Ijuí. A associação entre natureza, liberdade e bem-estar sugere que a requalificação do espaço contribuiu para ressignificar um antigo ambiente

degradado, transformando-o em um local de identificação coletiva. Assim, a nuvem de palavras evidencia não apenas percepções individuais, mas também valores compartilhados, reforçando o papel dos espaços públicos qualificados na promoção da sociabilidade, da identidade urbana e do uso democrático da cidade.

4. CONCLUSÃO

A análise dos dados evidencia que todos os respondentes conhecem o Parque da Pedreira, localizado em Ijuí-RS, demonstrando sua consolidação como referência urbana de lazer e convivência, e que os participantes abrangem diferentes faixas etárias, jovens, adultos e idosos, reforçando o caráter democrático e intergeracional do espaço. No que se refere à frequência de visita, observa-se predominância de usuários que o visitam raramente ou frequentemente, indicando que o parque atende tanto a usos pontuais quanto a práticas mais recorrentes. Essa diversidade de ritmos de uso sugere que o espaço se adapta a diferentes rotinas e estilos de vida, funcionando como alternativa de lazer acessível à população. Mesmo aqueles que não o frequentam com regularidade reconhecem sua importância simbólica e funcional, o que revela que o parque extrapola o uso cotidiano, integrando o imaginário coletivo da cidade como um local significativo.

Outro aspecto relevante identificado refere-se às formas de uso do Parque da Pedreira, considerando a visitação individual ou acompanhada, pois enquanto parte dos respondentes afirma frequentar o parque sozinha, outros o utilizam como espaço de encontro com familiares e amigos, evidenciando a flexibilidade de apropriação do local. Essa característica está diretamente relacionada à percepção do parque como um espaço acolhedor, sentimento compartilhado pela ampla maioria dos entrevistados, que o enxergam como seguro, convidativo e acessível, permitindo permanência tanto para momentos de introspecção quanto para atividades coletivas. A coexistência desses usos reforça o papel do parque como espaço público qualificado, capaz de atender a necessidades diversas sem impor barreiras simbólicas ou sociais, de modo que o acolhimento se manifesta não apenas na infraestrutura física, mas também na sensação de pertencimento e liberdade de uso experimentada pelos frequentadores.

No que se refere ao sentimento associado à experiência no Parque da Pedreira, os relatos indicam predominantemente percepções de tranquilidade, relaxamento e contato com a natureza, descrevendo o espaço como um refúgio em meio à dinâmica urbana, no qual o verde,

o silêncio relativo e as áreas de lazer proporcionam uma vivência sensorial positiva. Essa experiência se manifesta de maneiras distintas conforme a faixa etária e o momento de vida dos usuários, sendo o parque percebido pelas crianças como ambiente de estímulo lúdico e imaginação, pelos jovens como alternativa saudável de socialização e, por adultos e idosos, como espaço de contemplação, descanso e convívio familiar. Tais experiências reforçam que o parque não é apenas um cenário físico, mas um lugar carregado de significados, capaz de promover bem-estar psicológico e emocional por meio de vivências cotidianas diversificadas.

A presença de memórias especiais vinculadas ao Parque da Pedreira constitui outro elemento central para compreender sua relevância social, pois muitos entrevistados relatam experiências marcantes no local, associadas a encontros familiares, momentos de lazer, práticas esportivas ou situações cotidianas de convivência. Essas memórias contribuem para a construção de uma identidade vinculada ao lugar, compreendida não apenas como reconhecimento físico, mas como resultado das relações simbólicas e afetivas estabelecidas ao longo do tempo, de modo que a identidade coletiva emerge da soma dessas experiências individuais compartilhadas, fortalecendo o sentimento de pertencimento. O Parque passa a integrar a história pessoal e comunitária dos usuários, atuando como espaço mediador de relações sociais e trocas simbólicas, de modo que o vínculo estabelecido entre pessoas e lugar evidencia que a identidade urbana se constrói por meio da vivência, da apropriação e da continuidade dessas experiências.

Os resultados indicam que o Parque da Pedreira contribui significativamente para o bem-estar pessoal dos usuários, reforçando sua importância como espaço público qualificado, sendo que a ampla maioria dos entrevistados reconhece seu impacto positivo na qualidade de vida, seja por meio do lazer, do convívio social ou do contato com a natureza. A diversidade de idades, perfis sociais e percepções evidencia que o Parque da Pedreira atende a múltiplas demandas, consolidando-se como um ambiente inclusivo e democrático, e se apresenta como exemplo exitoso de requalificação urbana ao transformar uma área anteriormente degradada em um espaço ativo, seguro e simbolicamente valorizado. As percepções positivas, recorrentes entre os participantes, revelam que o Parque da Pedreira extrapola sua função recreativa, atuando como elemento estruturante da identidade local, do pertencimento coletivo e da coesão social na cidade de Ijuí.

O sentimento de pertencimento associado ao Parque da Pedreira pode ser compreendido como uma disposição afetiva que se consolida progressivamente na relação entre indivíduo e espaço, manifestando-se não apenas pelo uso recorrente, mas também pela

sensação de “estar em casa” e de reconhecer o parque como parte integrante da própria trajetória de vida. Espaços públicos de lazer, como parques e praças, desempenham papel estratégico nesse processo, funcionando como catalisadores de identidade e integração social, ao acompanhar as transformações da sociedade local e oferecer suporte às interações cotidianas, livres de barreiras físicas ou simbólicas, permitindo que diferentes grupos compartilhem experiências, estabeleçam vínculos e fortaleçam a coesão comunitária. Nesse contexto, o Parque da Pedreira torna-se uma referência emocional, materializando memória, afetividade e valores individuais, promovendo uma relação duradoura entre pessoas e lugar que transcende o uso funcional do espaço.

As avaliações extremamente positivas dos usuários reforçam a dimensão simbólica e afetiva do Parque da Pedreira, evidenciando que o pertencimento se manifesta não apenas pela presença física, mas também pela valorização subjetiva do ambiente, de modo que a relação contínua com o espaço o transforma em uma âncora existencial, na qual memórias, afetos e práticas sociais se entrelaçam, fortalecendo a identidade coletiva da comunidade. O Parque da Pedreira, portanto, não se configura apenas como um local de lazer, mas consolida-se como um território de referência emocional e social, capaz de promover integração, bem-estar e fortalecimento do senso de pertencimento, evidenciando que a experiência cotidiana e compartilhada com o espaço urbano é fundamental para a construção de vínculos duradouros e para a afirmação da identidade, ressaltando a importância de políticas de manutenção e criação de áreas públicas que valorizem a dimensão humana da cidade.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: 90º, 2005.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLS, M. **O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

DA PIEVE, C. P.; OLIVEIRA, T. D. de; MUELLER, A. A. Parques urbanos sob uma perspectiva de gênero: um estudo do Parque da Pedreira em Ijuí/RS. **Informe GEPEC**, Toledo, v. 29, n. 1, p. 328–344, 2025.

FERRARA, L. D'A. Arquiteturas do espaço. In: **FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Design em espaços**. São Paulo: Edições Rosari, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 07 fev. 2026.

LEFEBVRE, H. **Social Space**. In: LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Tradução para o inglês por Donald Nicholson-Smith. Massachusetts: Blackwell, 1991.

MEOTTI, B. D.; SCHWANZ, A. K. Parque urbano sociocultural da Pedreira para o município de Ijuí/RS. In: XXIII Seminário Interinstitucional, 2018, Cruz Alta. **Anais...** [online]. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais>. Acesso em: 07 fev. 2026.

OLIVEIRA, L. A. de. **O papel da praça na cidade: aspectos ambientais, de uso e percepção**. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006.

PERSICH, J. C.; ALLEBRANDT, S. L. Interfaces entre gestão social e políticas públicas em projetos de revitalização urbana: o caso do Parque Popular da Pedreira de Ijuí/RS. In: Salão do Conhecimento, 2., 2016, Ijuí. **Anais...** [online]. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento>. Acesso em: 07 fev. 2026.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2003.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, E. A. Lazer nos espaços urbanos. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 1, p. 54-69, 1 nov. 2005.

SILVA, E. A. P. C.; CAMINHA, P. V. M. I. O.; FREITA, M. S. M. Os espaços de lazer na cidade: significados do lugar. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, jun. 2012.

SILVA NETA, E. da; OLIVEIRA, T. D. de. Relação entre o ambiente construído e o comportamento das pessoas em Habitações de Interesse Social (HIS): uma perspectiva de pós-ocupação em Santo Ângelo/RS. **Revista Geomae**, Campo Mourão, v.16, n.1, p.125-150, 2025.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014.